História da Ciência e Ensino
Construindo interfaces
http://dx.doi.org/10.23925/2178-2911.2026v33espp1208-1223

Sobre o uso de Artefactos Históricos do Museu Nacional de Antropologia de Angola para Educação e Divulgação Científicas

Manuel Cazo
Cristina Sá Valentim
Pedro Casaleiro
Sérgio Paulo Jorge Rodrigues

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo geral conceber um plano de ação museológica e educação científica para as coleções etnográficas do Museu Nacional de Antropologia. A abordagem é interdisciplinar e recorre-se a uma metodologia qualitativa e ao cruzamento de métodos tais como a etnografia, a observação participante. Este projeto visa a realização de um trabalho de doutoramento em curso sobre estudo das coleções etnográficas no Museu Nacional de Antropologia, em Luanda, Angola. Nesta comunicação discute-se e planifica-se a contextualização para educação e divulgação científicas de parte dos artefactos em exposição no Museu Nacional de Antropologia de Angola. Parte-se da contextualização de objetos tradicionais usados em agricultura, pecuária e tecelagem, entre outras atividades tradicionais, para se realizarem explicações pedagógicas sobre os materiais e processos envolvidos e chegar ao entendimento dos novos materiais e dos conhecimentos atuais. Dentre estes realçamos a genética e os polímeros sintéticos, assim como os problemas envolvidos na biotecnologia, poluição e sustentabilidade. Pode assim, na nossa opinião, obter-se uma relação mais harmoniosa entre Museu e Escola e contribuir para o empoderamento e melhor entendimento por parte dos alunos.

***Palavras-chave**: Museologia; Angola; Educação e Divulgação Científicas; Escolas*

Abstract

The overall objective of this research is to design a museological action plan and scientific education for the ethnographic collections of the National Museum of Anthropology. The approach is interdisciplinary, utilizing a qualitative methodology and a combination of methods such as ethnography and participant observation. This project aims to complete an ongoing doctoral thesis on the study of the ethnographic collections at the National Museum of Anthropology in Luanda, Angola. This paper discusses and plans the contextualization for scientific education and dissemination of some of the artifacts on display at the National Museum of Anthropology of Angola (2007). We begin by contextualizing traditional objects used in agriculture, livestock farming, and weaving, among other traditional activities, to provide pedagogical explanations about the materials and processes involved and to understand new materials and current knowledge. Among these, we highlight genetics and synthetic polymers, as well as the issues involved in biotechnology, pollution, and sustainability. In our opinion, this can lead to a more harmonious relationship between museums and schools and contribute to empowerment and better understanding among students.

***Keywords:** Museology; Angola; Scientific Education and Dissemination; Schools*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os museus angolanos se tornaram locais de encontro, de estudo das culturas e património dos povos de Angola. Os povos de Angola são formados na sua maioria por populações Bantu[1], existindo também povos de origem não-Bantu, entre os quais os Vatwa (ou pré-banto) e os Khoi-san (San), formando três grandes espaços socioculturais que apresentam caraterísticas transnacionais[2]. O património histórico e cultural destes povos guia-nos a conhecer a diversidade cultural e identitária angolana, partindo do primado de que "um povo sem identidade é um povo sem cultura"[3].

Vuvu Manzambi Fernando[4], argumenta que os museus assumem cada vez mais uma função educativa, tornando-se um meio para difundir uma cultura de tolerância e aceitação da diversidade na sociedade. Houve a necessidade de revalorizar, reafirmar a identidade cultural de Angola, promover a criação artística e cultural que será transmitida de geração em geração por meio de ensino-aprendizagem. No processo de reestruturação dos museus, o Museu de Angola foi desintegrado em 1976[5] e o seu acervo deu origem a três museus nacionais e interdisciplinares: Museu Nacional de Antropologia – Luanda, Museu de História Natural – Luanda e Museu de Benguela – Benguela.

Com efeito foi criado, a 13 de novembro de 1976, o Museu Nacional de Antropologia para preservar as coleções etnográficas dos povos de Angola[6]. No mesmo dia é inaugurada a primeira exposição do Museu Nacional de Antropologia, o primeiro museu criado na Angola independente, as suas coleções comportavam maioritariamente o acervo etnográfico da maioria dos grupos etnolinguísticos de Angola: Kikongo, Kimbumdu, Umbundu, Lunda Tchokwé, Nganguela, Nyaneka-Humbi, Helelo, Ociwambo e Khoi-san[7].

---

[1] Grupos etnolinguísticos Bantu: Ambundu, Axindonga, Baluba, Bakongo, Helelo, Humbe, Lunda, Ngangela, Nyaneka, Ovambo, Ovimbundu e Tucôkwe (Kajibanga, 2010, p. 98).

[2] Kajibanga, V. (2010). Culturas étnicas e cultura nacional: uma reflexão sociológica sobre o caso angolano in *Revista Angolana de Sociologia-RAS*, *5 e 6*, 97–105.

[3] Ibid., 2010, p. 99.

[4] Fernando, V. M. (2001). Estudo das coleções etnográficas dos museus de Angola numa perspetiva histórica e Antropológica in *Revista de Estudos Africanos - UP*, *4*.

[5] Ibid., 2001, p. 56.

[6] Ibid., 2001, p. 58.

[7] Fernando, V. M. (2010). *DIAMANG, MUSEU E O CONHECIMENTO DO "OUTRO" as pesquisas em duas épocas distintas no museu do Dundo.* https://www.yumpu.com/pt/document/view/14571650/diamang-museu-e-o-conhecimento-do-outro-a-escom.

A Guerra Civil em Angola, que durou de 1976 a 2002, causou uma devastadora ruína do património cultural e histórico do país. Diversos museus foram destruídos ou encerrados, resultando numa perda irreparável de artefactos e documentos históricos[8]. Depois de décadas de guerra civil, os museus foram reabertos. Os Museus se depararam com a tarefa de reestruturar não apenas o seu património material, mas também a sua ligação com a sociedade. A política de educação em museus tornou-se uma base fundamental na conservação da identidade nacional e da memória comum de Angola[9].

Durante o período pós-guerra de 2002 a 2008, os museus iniciaram a reconstrução física de suas estruturas e acervos, sendo este o momento em que se iniciaram as primeiras tentativas de identificar e recuperar o património perdido ou danificado durante o conflito[10]. Os museus de Angola estão a desenvolver novas políticas museológicas desde o ano de 2008 até à data presente, alteraram as narrativas museológicas, focaram-se na exposição e na formação nas áreas do património.

A reformulação da política educativa dos museus de Angola tem-se fundamentado em princípios que incentivam a descolonização das narrativas históricas e o reconhecimento das culturas dos povos de Angola[11]. Depois da guerra civil, a base da política educativa dos museus passou a conter quatro aspetos principais: primeiro, a construção da identidade nacional, enfatizando a apreciação das várias culturas de Angola; segundo, a conservação da memória coletiva, oferecendo documentação da história nacional de Angola; terceiro, educação patrimonial, implementando programas de educação inclusiva; e o quarto, a participação comunitária, integrando as comunidades locais nos programas museológicos[12].

[8] Ibid., 2010, p. 4.

[9] Jorge, Á. (2023). *A evolução histórica dos museus em Angola e o seu impacto sociocultural no ensino de História, caso do MNA em Luanda (1976 - 2000)* [Dissertação de Mestrado]. ISCED - Luanda.

[10] Ferreira, S. (2023). *Serviços educativos como instrumento de captação de públicos no Museu Regional da Huíla, Angola*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Coimbra

[11] Kebanguilako, D. (2016). *Educação em Angola: Sistema Educativo Políticas Públicas e Processo de Hegemonização e Homogeneização Política na Primeira República de 1975-1992* (Tese de doutoramento). Universidade Federal da Bahia.

[12] Ferreira, S. (2023). *Serviços educativos como instrumento de captação de públicos no Museu Regional da Huíla, Angola*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Coimbra.

Este estudo tem como objetivo ilustrar a utilização de certos artefactos históricos dos povos de Angola, localizados no Museu Nacional de Antropologia, utilizados na educação e divulgação científica. Esses artefactos podem funcionar como um guia no processo de ensino-aprendizagem, aplicando conteúdos interpretativos nas áreas da matemática e da físico-química.

Museu Nacional de Antropologia

O Museu Nacional de Antropologia (MNA) é uma entidade pública que tem como temática a ciência humana. Segundo Wagner "*a antropologia é a ciência que estuda o fenómeno humano no seu todo, começando da mente, corpo, evolução, origens, instrumentos, arte ou grupo*"[13]. O MNA representa o conceito de antropologia defendida por Wagner, apresenta a cultura singular e diversificada dos povos de Angola, e é considerado um museu nacional devido à dimensão e representatividade do seu acervo. É um museu de natureza interdisciplinar, pois possui coleções de etnografia, arqueologia, antropologia, arte e outras ciências relacionadas.

O Museu Nacional de Antropologia, uma entidade sem fins lucrativos, com natureza científica, técnica, cultural e educacional, tem como missão e propósito servir a sociedade assegurando a investigação, a recolha, a inventariação, a conservação e a divulgação do património antropológico do país. É uma das mais relevantes instituições de Angola instituídas após a independência. É um órgão do Ministério da Cultura do governo de Angola. Localiza-se no bairro dos Coqueiros, na baixa da cidade de Luanda, em Angola, é cartão postal de Luanda, e abre ao público de segunda-feira a sexta-feira das 09:00 as 15:30[14].

A criação do Museu Nacional de Antropologia é marcada na sua primeira exposição no dia 13 de novembro de 1976, pelo então Primeiro-ministro Lopo Ferreira do Nascimento, em representação do Presidente Dr. António Agostinho Neto.

Desde 16 de maio de 2016, a direção do Museu Nacional de Antropologia é assumida por Álvaro Jorge. O museu teve desde sempre a vocação de recolher,

[13] Wagner, R. (2010). *A invenção da cultura* (Cosac Naify, Vol. 01). p. 27.

[14] Jorge, Á. (2023). *A evolução histórica dos museus em Angola e o seu impacto sociocultural no ensino de História, caso do MNA em Luanda (1976 - 2000)* [Dissertação de Mestrado]. ISCED - Luanda.

investigar, identificar, conservar e divulgar os resultados das suas pesquisas, pô-los à disposição do público para atividades culturais, científicas e de lazer[15].

O Museu Nacional de Antropologia é um detentor de um vasto acervo etnográfico e documental dos povos de Angola[16]. Esses acervos estão inventariados em coleções da pastorícia, agricultura, metalurgia, pescas, caça, tecelagem, cerâmica, instrumentos musicais, máscaras, espiritualidade e poder político tradicional para facilitar o processo de comunicação da ciência e educação científica, estes temas em que as coleções estão organizadas, usando o diálogo sobre as mesmas como princípio que guia todas as atividades educativas e científicas.

MNA tem como visão se tornar um centro de referência em Angola e no exterior, caracterizado pela sua abordagem científica técnica, cultural e educativa no campo das coleções antropológicas dos povos de Angola[17], além de ser um polo museológico dinâmico e interativo que garante a investigação, a recolha, a inventariação, a conservação e a divulgação do património antropológico do país[18].

Figura 1: Museu Nacional de Antropologia



Fonte: fotografia cedida pelo MNA

[15] Kwononoka, Américo (Coord.) (2007) *Catálogo da Exposição Permanente do Museu Nacional de Antropologia,* Luanda: Museu Nacional de Antropologia

[16] Borges, R., Sitak, J., Fernandes Bumba, P., & Santana, Y. D. (2018). *Breve abordagem do papel dos museus públicos na preservação do patrimônio cultural: os museus públicos de Angola. Breve abordagem do papel dos museus públicos na preservação do patrimônio cultural: os museus públicos de Angola* (Vol. 5, Number 16).

[17] Redinha, José (2012). *Siderurgia tradicional angolana*. Coord. Pedro Redinha ; org., nota introd. e notas Alberto Santos. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, 1ª ed.

[18] Jorge, Á. (2023). *A evolução histórica dos museus em Angola e o seu impacto sociocultural no ensino de História, caso do MNA em Luanda (1976 - 2000)* [Dissertação de Mestrado]. ISCED - Luanda.

O edifício do museu, em funcionamento desde 1976, passou por obras de apetrechamento e alargamento de 2014 até 2017, neste período os trabalhos foram parcialmente inferiores ao período normal (tempo completo), os funcionários do Museu trabalhavam menos horas por semana.

O Museu é composto por 25 salas distribuídas em dois edifícios, um de três andares e outro de dois andares: catorze (14) salas de exposição, um (1) atelier de conservação, um (1) auditório, uma (1) biblioteca, uma (1) sala para serviços administrativos, dois (2) depósitos, cinco (4) gabinetes e um (1) pátio central[19].

Exposição permanente

O museu conta com nove salas de exposição permanente em funcionamento e organizadas em atividades produtivas, artísticas e culturais[20].

Os artefactos históricos das coleções permanente do Museu, estão caraterizadas de uma forma pedagógica, onde encontramos as propriedades físicas, químicas e antropológicas de cada material, isso nos leva para a contextualização destes objetos usados no cotidiano do povo e extrair explicações pedagógicas para a construção e compreensão de novos saberes locais.

As salas de exposição permanente abrigam peças tradicionais, designadamente utensílios agrícolas, de caça e pesca, fundição do ferro, instrumentos musicais, joias, peças de pano feitas de casca de árvore e fotografias dos grupos etnolinguísticos de Angola. A grande atração do museu é a sala das máscaras que apresenta os símbolos dos rituais dos povos de Angola[21].

O acervo do Museu Nacional de Antropologia é usado numa exposição organizada para divulgação do conhecimento científico[22]. Ao iniciar a visita o visitante entra em contacto com coleções de pastorícia, agricultura, metalurgia, pescas, caça, tecelagem, cerâmica, instrumentos musicais, máscaras, crenças religiosas e poder político tradicional.

[19] Jorge, Á. (2023). *A evolução histórica dos museus em Angola e o seu impacto sociocultural no ensino de História, caso do MNA em Luanda (1976 - 2000)* [Dissertação de Mestrado]. ISCED - Luanda.
[20] Ibid., 2023, p. 55.
[21] Kwononoka, Américo (Coord.) (2007) *Catálogo da Exposição Permanente do Museu Nacional de Antropologia,* Luanda: Museu Nacional de Antropologia
[22] Almeida, A. (1997). Desafios da relação Museu-Escola. *Comunicação e educação, 10* (São Paulo), pp. 50–56.

O Museu Nacional de Antropologia, nas suas coleções etnográficas dos povos de Angola, que estão em exposição, também estão incluindo artigos, documentos e objetos de importância histórica, artística ou cultural. Esses itens têm potencial para serem incluídos no plano de ação museológica e de educação científica do museu. Vamos descrever uma seleção de alguns artefactos das coleções históricas do MNA que consideramos mais relevantes para o desenvolvimento do plano de ação educativa numa primeira instância [por exemplo]:

Figura 2: Almofariz



Fonte: fotografia cedida pelo MNA

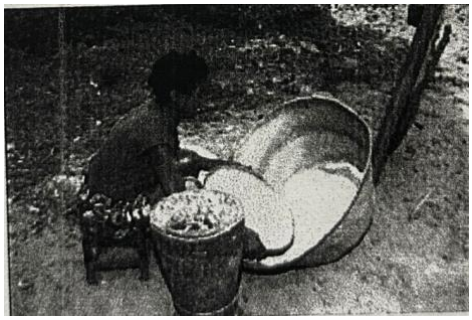
O almofariz (Fig. 2) é um artefacto de madeira usado para triturar diversos produtos ou substâncias, mais produtos agrícolas e preparar alimentos para a família[23]. Essa atividade é realizada pelas mulheres, evidenciando o poder da maternidade e da parentalidade, além de ser um símbolo da dignidade da mulher bantu.

Utensílio culinário que o povo de Angola usa para moer os alimentos como o milho massango, massambala bombo, gindungo, ginguba, que é batido ou triturado com bastão liso, que é o pisador ou pilão[24].

Figura 3: Mulher Kwanyama usando Almofariz

[23] Jorge, Á. (2023). *A evolução histórica dos museus em Angola e o seu impacto sociocultural no ensino de História, caso do MNA em Luanda (1976 - 2000)* [Dissertação de Mestrado]. ISCED - Luanda.

[24] Jorge, Á. (2023). *A evolução histórica dos museus em Angola e o seu impacto sociocultural no ensino de História, caso do MNA em Luanda (1976 - 2000)* [Dissertação de Mestrado]. ISCED - Luanda.



Fonte: fotografia cedida pelo MNA

Figura 4 – Owise (Pilão)



Fonte: fotografia cedida pelo MNA

Owise (Fig. 4) é produzido a partir de um tronco de madeira escavado e tem sido utilizado em Angola desde os tempos antigos até o presente[25].

Com este artefacto na ação educativa podemos explorar conceitos matemáticos, em sua configuração geométrica, podemos observar a presença da matemática "congelada"[26] e também conhecimentos científicos.

A inclusão de matemática, em geral ciência, "congelada" em artefactos pode potencializar a capacidade de aprendizagem dos alunos, motivando-os a estudar matemática e ciências de maneira mais eficiente. Os adornos aplicados a ele

[25] Jorge, Á. (2023). *A evolução histórica dos museus em Angola e o seu impacto sociocultural no ensino de História, caso do MNA em Luanda (1976 - 2000)* [Dissertação de Mestrado]. ISCED - Luanda.

[26] Selezi, S. P. M. (2021). *Identificação e valorização dos saberes matemáticos presentes em artefactos culturais da etnia Nganguela: uma contribuição para o ensino da matemática* (Tese de doutoramento). Universidade de Coimbra.

despertam o interesse e incorporam vários conceitos matemáticos, como retas, paralelas, retas concorrentes, perpendicularidade e ângulos[27].

Segundo Simão Selezi[28], existem vários saberes “congelado” nos artefactos culturais e históricos dos povos de Angola, que têm ligações com conceitos matemáticos, que podem ser usados como caminho para se promover o ensino da matemática nas escolas e promover os hábitos, os usos e costumes de algumas culturas de Angola.

Figura 5: Casas tradicionais



Fonte: fotografia cedida por Simão Selezi

Nas casas tradicionais podemos encontrar uma variedade de conceitos matemáticos, como cilindros, cones, círculos com diâmetro e raio, variações de ângulos, retângulos, concorrência, perpendicularidade, retas paralelas, centros, pontos, segmentos, diagonais e áreas[29].

Para a sua construção, são utilizados materiais como paus, caniço, barro para rebocar as paredes, capim para a cobertura e cordas ou correias para pressionar ou amarrar os paus e o capim.

[27] Selezi, S. P. M. (2021). *Identificação e valorização dos saberes matemáticos presentes em artefactos culturais da etnia Nganguela: uma contribuição para o ensino da matemática* (Tese de doutoramento). Universidade de Coimbra.
[28] Ibid., 2021, p. 55.
[29] Ibid., 2021, p. 55 – 57.

Kanowa (Fig. 6) de pesca artesanal é uma embarcação de pequena dimensão, tradicionalmente feita de materiais como madeira preta, escavada a partir de um troco, utilizada na pesca de pequena escala[30].

Este artefacto serve como meio de travessa de pessoas e mercadorias de uma margem do rio para outra, é usado até os dias de hoje na região sudeste de Angola.

Figura 6: Kanowa



Fonte: fotografia cedida pelo MNA

O mapa de Angola (Fig. 7) é uma representação visual do território ou região, refletindo uma necessidade humana[31]. Este mapa preserva diversos conhecimentos matemáticos, geográficos e geológicos, como comprimentos e áreas, relevos e cavidades.

Sua construção foi realizada em madeira preta, madeira de alta densidade, durabilidade e valor, tratando-se um objeto artístico. Os instrumentos utilizados em sua fabricação foram machado, faca, agulha e o corte de madeira[32].

[30] Kwononoka, Américo (Coord.) (2007) *Catálogo da Exposição Permanente do Museu Nacional de Antropologia,* Luanda: Museu Nacional de Antropologia

[31] Selezi, S. P. M. (2021). *Identificação e valorização dos saberes matemáticos presentes em artefactos culturais da etnia Nganguela: uma contribuição para o ensino da matemática* (Tese de doutoramento). Universidade de Coimbra.

[32] https://comapla.pt/madeiras.html

Figura 7 - Escultura de Madeira do mapa de Angola.



Fonte: https://pt.dreamstime.com

O *Kanjavite* é um instrumento agrícola classificado como ferramenta, produzido pelo grupo cultural Helelo[33]. Foi recolhido no Namibe em 2004, é feito de ferro trabalhado com cabo de madeira.

Trata-se de um instrumento utilizado para cortar árvores ou lenha, e em algumas situações pode ser utilizado para caça e defesa pessoal, possui uma dimensão de 39 cm^{x} e está em bom estado de conservação.

Figura 8: Kanjavite (Machado)



Fonte: fotografia cedida pelo MNA

[33] Kwononoka, Américo (Coord.) (2007) *Catálogo da Exposição Permanente do Museu Nacional de Antropologia,* Luanda: Museu Nacional de Antropologia

Para os Nganguelas, o machado é confecionado com grande exaltação, enquanto o do Soba é um objeto de particular interesse, por representar um símbolo de poder e autoridade na comunidade[34].

No plano de ação educativo, este artefacto estará ligado a ciência da metalurgia e dos materiais metálicos, uma ciência e tecnologia voltada para a extração, processamento e tratamento de metais, convertendo-os em materiais funcionais, incluindo processos físicos e químicos para criar estruturas[35].

Ngundja (Fig. 9 e 10) é uma cadeira de uma entidade tradicional Cokwe, simbolizando poder. Seu aparato forma um trono, um dos principais elementos simbólicos para legitimar o poder tradicional[36].

Seu modelo é flexível, e os gestos dos personagens são mais variados em comparação com a escultura Cokwe. Com dimensões de 145 x 45 x 51 cm, é construída em madeira, com tampo em pele de animal, adornada com diversas figuras antropomórficas e zoomórficas que representam o guardião Cokwe.

Figura 10: Ngundja



Fonte: fotografia cedida pelo MNA

Figura 9: Ngundja



Fonte: fotografia cedida pelo MNA

[34] Selezi, S. P. M. (2021). *Identificação e valorização dos saberes matemáticos presentes em artefactos culturais da etnia Nganguela: uma contribuição para o ensino da matemática* (Tese de doutoramento). Universidade de Coimbra.

[35] https://pt.scribd.com/document/232929593/Metalurgia-e-Materiais-Resistencia-Dos-Materiais

[36] Kwononoka, Américo (Coord.) (2007) *Catálogo da Exposição Permanente do Museu Nacional de Antropologia,* Luanda: Museu Nacional de Antropologia

A cadeira tradicional possui um formato quadrado ou retangular e é utilizado para sentar em locais específicos onde se resolvem questões de natureza tradicional[37]. Esse tipo de cadeira apresenta diferentes adornos, como cruzes, retas correntes, retas paralelas verticais/horizontais e triangulação[38].

Ações educativas

O museu é um espaço dedicado à ciência[39], no qual a participação de escolas, colégios e universidades está presente em todas as atividades do museu. Portanto, as ações educativas apoiam parcerias e colaboram com instituições e museus para compreender o que é transmitido por esses espaços.

Existe uma relação entre a educação e os museus[40], Sorraia Ferreira apresentou o crescimento amplamente visível das ações, iniciativas, programas educativos realizados pelo Museu da Huíla como evidência necessária para ampliar ainda mais a discussão e reflexão no campo da educação e da ciência[41].

As ações educativas incluem oportunidades de aprendizagem e investigação integradas ao programa educativo de antropologia, que são realizadas durante as atividades de visitas guiadas, Museu na comunidade, Museu – Escola e atividade de explorar o Jogo. Nestas atividades propomos fazer algo semelhante com a "ciência congelada" nos artefactos em exposição no Museu Nacional de Antropologia.

Durante as atividades educativas, os visitantes poderão explorar a configuração dos artefactos históricos por meio de conceitos matemáticos e geométricos, observar o estado da arte, bem como as propriedades químicas, físicas e antropológicas que incentivam o ensino de ciências nas escolas, por meio das atividades propostas.

[37] Selezi, S. P. M. (2021). *Identificação e valorização dos saberes matemáticos presentes em artefactos culturais da etnia Nganguela: uma contribuição para o ensino da matemática* (Tese de doutoramento). Universidade de Coimbra.

[38] Jorge, Á. (2023). *A evolução histórica dos museus em Angola e o seu impacto sociocultural no ensino de História, caso do MNA em Luanda (1976 - 2000)* [Dissertação de Mestrado]. ISCED - Luanda.

[39] Ovigli, D. (2011). Prática de ensino de ciências: o meu museu como espaço formativo. *Ensaio, 13* (Belo Horizonte), 133–149

[40] Figurelli, G. R. (2011). *Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano* (Vol. 4). http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus

[41] Ferreira, S. (2023). *Serviços educativos como instrumento de captação de públicos no Museu Regional da Huíla, Angola*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Coimbra.

"As visitas guiadas são uma oportunidade única de transmitir e adquirir conhecimento[42]". Aprimoramos regras e padrões para as visitas, com foco de difundir a comunicação científica de forma objetiva, primeiro os visitantes devem ter acesso a um guião, que serve de apoio aos guias, onde contém informações sobre o museu e as coleções expostas.

"Os museus são locais ideais para debate e encontro de diferentes gerações e pessoas[43]". Optámos por promover algumas ações educativas fora do espaço físico do museu, "Museu na Comunidade" sendo estas atividades realizada através da projeção de imagens animadas de som e fotografias. O nosso público-alvo serão escolas, faculdades, universidades, instituições, organizações e comunidades étnicas, com o objetivo de atrair mais visitantes e ampliar o conhecimento das coleções etnográficas de Angola.

"A educação museológica, além de complementar o currículo formal, é também um exercício de preservação da memória[44]". As ações do "Museu – Escola" são dirigidas para as escolas e instituições de ensino, com o objetivo de apresentar aos alunos coleções étnicas e compreender as suas perceções sobre o povo angolano e o conhecimento transmitido pelo museu.

Os saberes populares podem trazer grandes contribuições se forem estabelecidos diálogos com conhecimento científico, e este processo pode abrir os novos caminhos para a ciência e a valorização daqueles que produzem e detêm os saberes populares, por isso, recomenda-se especialmente nas escolas a articulação dos saberes científico e populares do património.

"As pessoas aprendem para que possam absorver mais facilmente novos conhecimentos em suas interações com outros sujeitos e objetos[45]". Explorar o jogo é uma ação educativa de exploração, realizada no final da visita ao museu, os visitantes são convidados a participar nestes jogos para explorar o conhecimento e a informação adquirida através dos artefactos, podem ser:

"Caça-palavras" um jogo que visa a construção de conhecimento, o grupo seleciona um número aleatório na caixa de exposição do museu, após abrir o

[42] Ibid 2023, p. 41

[43] Ferreira, S. (2023). *Serviços educativos como instrumento de captação de públicos no Museu Regional da Huíla, Angola*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Coimbra.

[44] Almeida, A. (1997). Desafios da relação Museu - Escola. *Comunicação e Educação, 10* (São Paulo), 50–56.

[45] Ovigli, D. (2011). Prática de ensino de ciências: o meu museu como espaço formativo. *Ensaio, 13* (Belo Horizonte), 133–149

formulário encontrará a imagem do artefacto, fará uma discussão em grupo e depois mostrará o uso, origem do objeto que espalha conhecimento e propósito.

"Álbum do Museu" os visitantes receberão fotos dos artefactos, organizadas como apareceriam no museu e separadas por áreas do conhecimento. Ao final da seleção, você será solicitado a anotar as possíveis áreas de conhecimento abordadas.

Estas atividades educativas incentivará os visitantes a reter a memória dos artefactos históricos do Museu e a conhecer a verdadeira história da exposição permanente do MNA.

CONCLUSÕES

Este estudo transformou o os artefactos históricos do Museu Nacional de Antropologia em uma ferramenta educação e comunicação da ciência. Criamos as ações sociais e educativas que ajudarão a comunidade escolar e a sociedade a se identificar com os artefactos por meio de contato físico e permanente em ambientes de ensino, novas metodologias de ensino e aprendizagem de conteúdos que existe no museu a partir de outras formas de saber. Isso transformará o Museu em uma fonte de formação e educação, mas também de lazer.

A educação em museus promove a comunicação da ciência e a educação científica, os museus são usados como agentes educativos, tornando-se em locais de valorização e reafirmação de um sentido de identidade nacional, étnica e cultural de Angola, incentivando a produção artística e cultural que será passada de geração em geração através do processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, o Museu e a Escola têm uma relação harmoniosa de colaboração educacional que transforma visitas em experiências de aprendizagem significativas e dinâmicas, ultrapassando uma simples visita de estudo. A inclusão de ações de educação no museu vai promover a valorização os artefactos históricos, o pensamento crítico e a criatividade, exigindo uma planificação conjunta entre professores e técnicos do museu para um impacto educacional mais importante.

Museu Nacional de Angola é a única instituição na capital que abriga um acervo especializado em etnologia, antropologia e arte dos grupos étnicos de Angola, no nosso plano de ação planificou-se e contextualizaram-se actividades para educação e divulgação científicas com artefactos em exposição no Museu, abrangendo aspetos

científicos, técnicos, culturais e educacionais. O Museu é voltado para a pesquisa, preservação e promoção do património etnográfico de Angola.

SOBRE OS AUTORES:

Manuel Cazo
Universidade de Coimbra
uc2023199303@student.uc.pt

Cristina Sá Valentim
Universidade de Lisboa
cristina.valentim@ics.ulisboa.pt

Pedro Casaleiro
Universidade de Coimbra
pcasaleiro@uc.pt

Sérgio Paulo Jorge Rodrigues
Universidade de Coimbra
spjrodrigues@ci.uc.pt

Artigo recebido em 05 de fevereiro de 2026
Aceito para publicação em 18 de abril de 2026

Todo conteúdo desta revista está licenciado em Creative Commons CC By 4.0.